

Stadium

N.º 376
15 - Fevereiro - 1950
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



ATLÉTICO 2-ELVAS 2— Os elvenses defenderam-se e atacaram com energia. Apresentamos uma fase de defesa, com Roger socando a bola apesar de atacado por Ben David e Martinho. Nunes e Gomes, do Elvas, estão em más condições de defesa. Uma fase que revela a força da luta!

O papel dos juniores no futebol português

Pinto Vieira e Carlos Santos

... dois elementos de grande futuro no FUTEBOL CLUBE DO PORTO

AUGUSTO SILVA, o treinador que em boa hora tomou a seu cargo a preparação das equipas do F. C. do Porto — conta com os juniores!

Chamando já ao 1.º grupo um deles, Pinto Vieira (embora a subida imediata deste jogador esteja por enquanto prejudicada) indicou Augusto Silva que lhe interessam os novos de boa qualidade. E investigando sobre a existência de outros, dentro do clube, procura o considerado desportista vencer de futuro uma crise que há muito se adivinha

na frente da equipa szul-branca. Parece, mesmo, que Augusto Silva viu já actuar vários nomes vindos dos juniores — e gostou. Estavam, entretanto, abandonados.

Numa das conversas que temos sustentado com Augusto Silva, extraímos sempre a certeza de lhe ballar no pensamento a ideia de fazer surgir um grupo do futuro. Reparámos nisso quando nos perguntou um dia, entre dois golos de café:

— Onde estão os antigos juniores do F. C. do Porto?

— Não sei. Cálculo que tenham desistido... Há um na reserva com muita habilidade e anda agora nos 20 anos: Pinto Vieira. Ouvi falar de um, chamado Vasco de Sá, da mesma idade, que frequenta uma Faculdade ou anda nos preparativos de engenharia. Não sei bem. Outro, Carlos Ferreira, também estudante... E de um guarda-redes cheio de qualidades... Tudo gente nova.

— Mas ainda não me apareceram nos treinos! Apenas Pinto Vieira, que de facto poderá impôr-se dentro de pouco tempo. Gosto muito dele.

Uma semana mais tarde, Augusto Silva havia já conversado com os rapazes. Alguns já apareceram na «reserva». De facto, cumprida a sua tarefa nos juniores, excedida a idade, haviam sido «mais ou menos» esquecidos.

Entretanto revela-se o actual avançado-centro da equipa de juniores, Carlos Santos, rapaz de 18 anos, bellissima apresentação e senhor de um respeitável remate. Num desafio que o F. C. do Porto ganhou por 10-0 — marcou todas as bolas! Num campeonato de 52 bolas, Carlos Santos marcou à sua conta 39!...

Se fôr amparado cuidadosamente e se não entrar com ele a vaidade, veremos com certeza Carlos Santos colocado dentro de pouco tempo na linha dos jogadores de mais firme categoria.

Faça-se no Porto, por isso, a campanha dos juniores. Observando os que existem, verifica-se que poucos têm de facto subido às categorias principais. Ao contrário do que deveria esperar-se, o recrutamento tem sido feito noutros sectores, às vezes bem afastados do Porto. E ainda ao contrário do que poderia exigir-se, valem pouco os reforços recebidos...

Pinto Vieira, por exemplo, impõe-se já como um valor positivo. Quando apareceu pela primeira vez na equipa de honra, antes do jogo contra o Old Boys, agradeceu-nos logo o seu trabalho. Mas o público, infelizmente, que ver

no campo o jogador feito. Aborrece-o estar muito tempo à espera da sua ascensão...

Na frente de Martinell, do Old Boys, já um Misto de surpresa fustigou a sensibilidade do assistente. Pinto Vieira, na opinião de Augusto Silva teria sido o melhor jogador do F. C. do Porto.

Dias depois, felicitámo-lo pela sua exibição, dizendo-lhe:

— Não se perturbe com os aplausos da crítica ou do público. Trabalhe sempre, trabalhe muito, obedecendo ao seu treinador. Nunca se aborrea se qualquer jornalista apreciar as suas atitudes com alguma dureza. Mostre-se disciplinado e correcto, mesmo quando sofrer injustiças — que triunfará.

Em Pinto Vieira, moço agradável, educado, notou-se um clarão de alegria e de inteligência.

A sua resposta veio rápida:

— Confio em mim. Não me deixarei tentar pela vaidade ou pela indisciplina. Obedeço às ordens do meu treinador Augusto Silva, que todos nós respeitamos. Mas se calhar...

— Alguma dúvida?

— Joaquim regressa, pois já começou os seus treinos. E Joaquim é... o Joaquim.

— Não desanime. E' ainda muito novo e deve aguardar a sua vez com serenidade. De tempo a tempo.

— Assim farei. Não falto a um treino, faço por jogar o melhor possível e descanso o necessário lá para a minha vila de Gondomar.

— Jogou só no F. C. do Porto?

— Apenas no F. C. do Porto. Dos juniores dei um saltinho. Antes dos 20 anos conheci as delicias de jogar no seu grupo de honra. Essa é a minha única vaidade...

Esta conversa com Pinto Vieira teve a duração de um relâmpago. Nascu, mesmo, de um encontro casual. Mas reflecte sem dúvida alguma a boa vontade de um jogador que principia a sua carreira, disposto a triunfar, firmemente, convencido de que triunfará!

A vitória, neste caso, deve ser atribuída inteiramente à classe dos juniores, que os clubes não devem desprezar, sob qualquer pretexto. Continuamos em sua defesa. E continuamos para citar mais uma vez um deles: Carlos Santos, que joga nesta categoria do F. C. do Porto,

Por mais de uma vez nos falaram do seu nome, e de tal modo que resolvemos assistir a uma das suas exhibições. De facto, este rapaz de 18 anos, se quiser igualmente trabalhar com dedicação e entusiasmo, poderá dar que falar.



Carlos Santos, actual avançado-centro da equipa de juniores

Bem proporcionado fisicamente, dispondo de pontapé forte, fácil, Carlos Santos foi o melhor marcador desta primeira série do campeonato de juniores. Conseguiu 39 bolas em 52 do seu clube — ilustra as possibilidades do rapaz. E parece que não é vaidoso — coisa muito importante para quem quiser fazer carreira...

RODRIGUES TELES

(Continua na página 10)

Ano VIII — II Série — N.º 376
Lisboa, 15 de Fevereiro de 1950

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



Pinto Vieira, a revelação da presente época do Futebol Clube do Porto

O Ginásio do Alto Pina vai voltar ao desporto

— segundo nos declarou o seu presidente, sr. Artur Ribeiro

UM pouco por tradição, e muito pela experiência que nos ficou depois de em algumas termos consumido longos meses de trabalho, conhecemos de sobejo as dificuldades com que as colectividades de recreio deparam, para bem cumprir a sua simpatíssima missão de elementos de cultura e recreio, com sua derivante por vezes para o campo da beneficência, e quiçá do desporto — este, na mor parte das vezes sem a mira de derimir supremaçias, antes com o fito, apenas de aproximação entre as gentes e superior comunhão de ideais.

Dai, o desejo de auscultar os anseios desses modestos obreiros do edificio grandioso da cultura popular e do desporto bairrista, para nos fazermos eco — quando possível — das suas aspirações, e para eles chamando as atenções dos poderes públicos e dos que parecem querer ignorar tão ex-

mesmo assim, porém, legamos à Direcção de 1950 uma herança bem pesada...

— Não houve auxílio oficial?

— Segundo o projecto delineado pelo nosso dedicado consócio, o sr. eng. Reis, preclavamos de 90 contos para tudo. E como a verba era demasiada para nós, pedimos uma comparticipação oficial.

— Que foi concedida?

número venha a subir bem mais. Contamos, para isso, com o bairrismo da boa gente que nos cerca, e que certamente há de acorrer ao nosso desejo de prestigiar cada vez mais o Alto do Pina.

Aproveitámos o ensejo para querer saber algo dos projectos da nova Direcção. E à nossa pergunta, Artur Ribeiro elucida-nos:

— Sem nos desviarmos da linha de conduta traçada por aqueles

vidade e — dando justificação ao nome escolhido há anos para o clube — criar um ginásio para os nossos sócios e seus filhos e, se possível, para as crianças do Bairro.

Tendo passado pelo salão principal, onde entreviramos uma mesa de pingue-pongue, e alguns ginastas treinando, não deixámos fugir a oportunidade. E perguntámos:

— Vão voltar ao desporto?

— Sim, voltaremos. Não fazia sentido, realmente, ver a colectividade, possuidora de passado desportivo que se não é brilhante também não é desconsolador, viver à margem das manifestações de desporto, esquecendo-se, por exemplo, de que conta no seu «palmarés» iniciativas dignas de aplauso, como os dois «raids» de ciclo-turismo que totalizaram milhares de quilómetros, e foram efectuados em 1936 e 1937 pelos ginastas António Duarte, Luís Gomes e António Simões. Isto, sem falar nos títulos de campeão de Li-boa, em pingue-pongue, conquistados nos anos de 1935/36 e 1936/37, em 3.^{as} categorias da divisão a que concorremos.

— A que desportos vão dedicar-se?

Artur Ribeiro aprestava-se para nos responder, mas foi o sr. Alfredo Marques quem nos elucidou, cortando a palavra ao nosso interlocutor:

— Começaremos pelo pingue-pongue. E a razão da preferência por tal desporto, explica-se pelo facto do Ginásio ter à frente dos seus destinos, felizmente, alguém que conhece a modalidade como a si próprio, por muitos anos de esforços lhe ter dedicado. Na verdade, o meu clube não podia ter

ROSA DE MATOS

(Continua na página 10)



A equipa feminina do Ginásio, ladeada pelo treinador, sr. Alfredo Marques, à direita, e pelo presidente da colectividade, sr. Artur Ribeiro

celentes núcleos de formação física, moral e intelectual. E começamos pelo Ginásio do Alto do Pina.

Amavelmente recebidos, fomos encontrar reunida a Direcção da colectividade, o que nos levou a pensar no adiamento. Na presidência, porém, um amigo dedicado, o sr. Artur Ribeiro, antigo dirigente berfiquista, não nos consentiu a «deserção». E ficámos para a reportagem, depois de apresentados a todos os directores presentes: Manuel Antunes Baptista, Diniz da Silva, João Moita, Vítor Palmeiro, Casimiro Fernandes, Vladimiro Silva e António Taborda.

Iniciada a conversa, não pudemos deixar de manifestar a nossa satisfação por vermos «a casa renovada», o ar de obras frescas que se respirava. E fomos, então, informados pelo vice-presidente da Direcção de 1949, o sr. Alfredo Marques:

— Fizemos alguma coisa de facto, para dotar o nosso Ginásio de uma sede que nos orgulhe, e onde os nossos consócios se sintam bem. Mas não faz ideia das lutas que travamos, das canseiras que tivemos de vencer. Contamos com dedicações imensas, pois algumas das obras foram executadas por consócios que para aqui vinham nas suas horas de folga,

— Por enquanto ainda não — elucida-nos o tesoureiro, sr. Diniz da Silva. Continuamos a aguardar confiadamente que seja escutado o nosso apelo, pois se assim não fôr, não sei como solver os compromissos tomados.

— A quanto monta a massa associativa?

E? Artur Ribeiro que nos responde agora:

— Somos actualmente 400, mas espero que na minha gerência o

que nos têm antecedido: fazer mais e melhor pelo Ginásio; queremos que a nossa actuação se caracterize por uma obra de renovação afirmada em múltiplos aspectos, sobretudo no cultural e no da educação física. Procuraremos, para isso, criar um boletim que possa servir de elo de ligação mais forte entre dirigentes e dirigidos; activar o funcionamento de um Grupo Dramático que continue a prestigiar a nossa colecti-



São estes os primeiros representantes do clube, em pingue-pongue — a marcar o regresso do G. A. P. às práticas desportivas

BENFICA ISOLADO

VAI dando tristezas e alegrias este Campeonato Nacional! Há casos de lamentação para uns e de alegria para outros. E ninguém repara que isto é puro campeonato. Todos os adeptos dizem: — Se não nos tivesse sucedido isto ou aquilo, ou se tivéssemos alinhado este em vez daquele, a vitória não nos teria escapado.

E quecem-se os comentadores do que se passou na casa do vizinho, e não os põmos a falar uns com os outros — porque tal seria a desordem completa. São de todos os tempos as más arbitragens e os golos *ofside*, mas a injustiça que daí provém é comentada de várias maneiras conforme a situação e a cor clubista de cada um. Enfim, a indecisão mantém-se, o nivelamento acentua-se e os resultados seguem realizando a sua obra destrutiva ou de construção.

Temos perante nós, como expressão das dificuldades, os chamados resultados da 17.ª jornada:

Vitória de Setúbal 3 Sporting 1. Olanhense 1-Benfica 2, B. L. Nenses 2-Académica 0. A. Lético 2 Elvas 2, Porto 3 Estoril 0, Covilhã 3-Lusitano 0, Sporting de Braga 1-Vitória de Guimarães 1.

Os resultados são de certo modo nivelados. Quem passa, principalmente na casa do adversário, consegue uma vitória grande. E não nos venham falar em desafios fáceis. Tudo é difícil, nesta competição!

Poderá dizer-se que o Benfica deu um grande passo na sua carreira. Mas essa ultrapassagem está longe de considerar-se decisiva ou definitiva. A sorte batejou os benfiquenses e abandonou os sportingistas. E' da bola: hoje toca o azar a este, amanhã áquele, mas a vez chega a todos.

O problema do título, apesar da acentuada vantagem dos águias, continua por resolver. Quem ler o calendário com atenção verá que para um e para outro, há ainda muitos espinhos a tragar. De repente escorrega um pé e lá vem abaixo todo o castelo de cartas.

O triunfo benfica dá a sugestão de que o *team* não está disposto a perder com facilidade, nem sequer com dificuldade. Quando os escolhos são maiores torna-se ainda mais forte a vontade do *team*.

Mas o Sporting também não esmorece, e a sua derrota em Setúbal tira-lhe probabilidades mas não deve abalar a moral de um grupo que tem mostrado sobriamente ganas de vencer. Quere dizer, a questão do título continua aguardando a solução, e nós prevemos que se manterá até ao fim apesar de opiniões em contrário. Talvez que a luta no Estádio Nacional entre os dois históricos levante um pouco a cortina e nos deixe ver mais claro.

Uma das questões, aliás, secundária, mas que mais tem prendido a atenção dos adeptos é a do 3.º lugar. Que reviravoltas!

A Académica, desde os primeiros tempos da prova, instalou-se na terceira posição, brilhantemente, resistindo durante muito tempo a todos os ataques que lhe têm dirigido. Agora, submetida a maus tratos, sucumbiu, mas ainda não perdeu de todo o lugar de extrema honra.

Há grupos que continuam a balouçar na tabela, descendo e subindo, como os alcastruzes. A posição destes grupos é confortável, e nada mais teríamos a acrescentar se não fora a circunstância, natural e humana, deles não se considerarem satisfeitos. Todos desejavam mais e melhor, e o que se encontra situado, por exemplo, em quinto lugar, sonha com mais um posto e sente-se com forças para subir muito mais. São sentimentos de respeito!

Permitimo-nos salientar o comportamento de Setúbal e da Covilhã, que estão a desenvolver um esforço árduo para se tornarem notados e afastarem-se da área da morte. O Porto, apesar de tudo, também ocupa uma boa posição, e caminha de forma a construir um *team*, pelo menos, para a temporada que vem.

Há também três equipas que lutam rijamente. Estão nestas condições Guimarães, Braga e Elvas. Ninguém pense tratar-se de equipas vencidas, pois poderá equivocarse e o engano será fatal. Temos ainda o máximo respeito pelo Olanhense, talvez perseguido por uma falta de *chance* visível: o seu grupo é de qualidade, com homogeneidade, e de boa ligação da defesa para o ataque, destacando-se este.

O mais curioso do caso é que o problema angustiante ainda não está solucionado. O Lusitano parece condenado, mas presentimos ainda nele forças para o combate. Quanto ao Estoril, vamos mais longe. A equipa desce de semana para semana, na sua mais aguda crise, mas quer-nos parecer que o valor que os resultados dão a entender está longe de ser o autêntico e verdadeiro valor. Estará decidida a questão dos dois últimos?

Trata-se por enquanto de uma incerteza. Enganar-se á quem julgue que estes grupos estão adormecidos e já metidos no seu papel de vítimas, porque, de um momento para o outro, eles demonstrarão o contrário. Estamos até convencidos que, á medida que a Prova se desenvolver, a sua força aumentará cada vez mais. Por outras palavras: não se convençam os outros concorrentes, mesmo os melhores classificados, de uma facilidade que não existe. Pelo contrário, tolos devem ter no pensamento que a *imagem* da decida dá forças maiores a quem luta, tornando-se indispensável que os que desejam vencer não amoleçam. A vida de competição é dura! — T. S.

SEGUNDA DIVISÃO

Torriense e Leixões com as honras da tarde

ESTAMOS no troço difícil, cada vez mais difícil, da Segunda Divisão. Os grupos lutam com mais ardor, e as vitórias são mais sentidas e as derrotas mais penosas. Damos seguidamente breves notas dos encontros:

ZONA A

Boavista 6 — Vila Real 0
Vianense 1 — Leixões 2

Surpreende o grande resultado alcançado pelo Boavista. Os vencedores da série 1, não puderam obter-se ao maior poder dos «xadrezados» agora em excelente forma, e já numa bellissima posição.

O Leixões conquistou um dos grandes resultados da jornada. Foi a Viana do Castelo, amparado por elevada e aguerrida falange, vencer e convencer.

A crítica salienta em termos elogiosos a coesão do seu conjunto. Nem o recuo de Costa Pereira para a defesa, tapando a vaga de Delfim, prejudicou o ritmo e a capacidade do grupo. A sua prova está a ser vista com interesse. Esperemos pelo que virá.

ZONA B

U. Coimbra 1 — Torreense 1
Guarda 4 — Acad. de Viseu 2

O Torreense alcançou o grande feito da ronda. O União de Coimbra é uma equipa cheia de aspirações. E legítimas. Ir a sua casa empatar é proeza de tomo.

O jogo entre os da Guarda e os de Viseu, teve um desfecho natu-

ral. São duas equipas de altos e baixos. Esperemos pelos próximos jogos para nos pronunciarmos.

ZONA C

Oriental 6 — Casa Pia 1
Barreirense 2 — Cuf do Barreiro 1

O Oriental marca posição com brilho. De facto este grupo de Marvila é uma das esplêndidas realidades do nosso futebol. No domingo o seu embate com o Barreirense deve proporcionar uma das melhores lutas do campeonato. O Oriental está perigoso no ataque (que o digam os simpáticos «ganos») e firme na defesa. O Barreirense tem dois médios de ataque de eleição e uma defesa em que a veteranaria se doseia excelentemente com a mocidade. São dois grupos de autêntica categoria.

ZONA D

Portimonense 2 — Sp. Farense 1
Portalegrense 3 — União Sport 0

O Portalegrense, cuja entrada na segunda fase foi tão discutida, paira alto. Os seus «acres» em domingos seguidos, querem dizer qualquer coisa. E vencer por 5-0 a equipa de Lippo, laureada com uma vitória sobre o Portimonense, é sinónimo de capacidade.

Onde está o Portimonense dos resultados sensacionais? Estará a equipa em dificuldades? Esperemos com calma. Os de Portimão são um valor positivo.

A. J. DE FREITAS

CAMPEONATO DE JUNIORES DA A. F. L.

Primeira derrota do Sporting

COM as partidas de domingo ficou concluída a primeira volta da segunda fase do torneio de juniores da A. F. L. Na última jornada registou-se uma surpresa: a derrota do Sporting, em Marvila, por coincidência com o primeiro golo consentido pelos «lões».

Jornada de poucos golos (até a de menos golos — 7 — da competição) ficou «marcada» pelo acontecimento que constituiu a derrota do Sporting, e também pela difícil vitória do Benfica, em Campolide, contra um Cascalheira animadíssimo e a dar a melhor réplica aos campeões nacionais. Que o podem, afinal, voltar a ser — agora mais favorecidos pelos triunfos dos marvilenses e dos «águias» de Vila Franca de Xira.

A vitória do Oriental, finalista derrotado no torneio de 1949, deve ser festejada; e constituiu, seguramente, um índice de que a equipa de Marvila talvez venha a ser de novo finalista... e também contra o Benfica! A dar-se o caso, bastante provável, teríamos assim

uma «repetição» do último campeonato — porque ao Sporting, para mais punido com «falta de comparência» num desafio ganho em campo por margem larga, já não será fácil alcançar pontuação suficiente para ser o vencedor da sua série. Anote-se, entretanto, que os «lões» perderam a sua melhor *chance* no último domingo; mas mesmo assim, o primeiro golo consentido nas suas balizas (e na prova de apuramento — ou seja a primeira fase — tinha feito 18-0) só foi possível mercê de um *penalty*!

Quer dizer: o Sporting, com carreira brilhantíssima, está praticamente «fora do título». E já com quem a definir-se posições, sendo natural que os finalistas vitem a ser os mesmos do ano passado, com a quase garantia de que o Benfica — sem dúvida alguma a equipa mais firme no ataque e seguríssima á defesa — conserve o título de campeão.

J. M.

Triunfo absoluto do Sporting

A Federação Portuguesa de Atletismo organizou em Coimbra o campeonato nacional de juniores de corta-mato e agiu da melhor maneira para a propaganda da modalidade num centro onde se está desenvolvendo grande campanha estimulante das práticas da modalidade e onde esta pode criar excelente centro de recrutamento.

O número de concorrentes à partida, 54, representando oito clubes, excedeu largamente o habitual e isso deve-se à escoiceira do local; Coimbra, cujos praticantes certamente se não deslocariam a outra cidade, alinhou na máxima força e do Porto e de Lisboa vieram todos os concorrentes dos Regionais. A classificação final reflecte bem o valor relativo dos três núcleos do atletismo português: Lisboa com os seus três representantes à cabeça, o Sporting em grande evidência, pois somou menos de metade dos pontos do segundo classificado; seguem-se os dois clubes portuenses, próximos um do outro, mas com valor cotado em metade dos lisboenses e, por fim os coimbricenses, sem desprimor, pois ensaiam os primeiros passos nestas lutas atléticas.

O percurso, marcado rigorosamente com os seis quilómetros regulamentares nos terrenos circundantes ao Estádio Municipal, era excelente, sem dificuldades exageradas, mas não muito fácil e os espectadores accorreram numerosos e entusiastas, aglomerando-se no final junto à chegada, invadindo a pista, sem contudo embaraçarem a passagem dos corredores.

Desportivamente, a prova foi outro grande êxito e pôs em realce uma vez mais a grande classe do sportinguista Casimiro Lúcio.

Já à cabeça, à saída do Estádio, após duas voltas de pista, com António Cabral, Augusto Silva e Joaquim Alves na cola, conduziu sempre a prova, no seu passo, distanciando-se cada vez mais e atingindo a meta com cento e vinte metros de avanço.

Ao cabo da primeira volta, feita em 8 m. 50 s. (uma volta e mais um quilómetro), Lúcio, precedido, distanciando, Cabral, Silva, Alvaro Rodrigues e Faria, Coutinho, José Simões; o último traz já 2 m. 25 s. de atraso.

Na segunda volta a vantagem de Lúcio, a correr sempre com segurança e à-vontade impressionantes, cresceu para quase cem metros e é Augusto Silva que o persegue; trinta metros atrás vêm os dois belenenses Cabral e Rodrigues, Faria, Donald, Simões, Coutinho, Aquiles, Ramalho, etc.

Os lugares estão aproximadamente definidos (apenas Faria salta á os dois belenenses) e o Sporting domina de lugar a situação.

Tempo desta volta, 5 m. 40 s.

Eis agora a ordem de entrada: 1.º Casimiro Lúcio (S.), 20 m. 30,8 s.; 2.º Augusto Silva (Bl.), 20 m. 50,2 s.; 4.º Manuel Faria (Sp.), 20 m. 59,6 s.; 4.º António Cabral (Bl.), 21 m. 3,4 s.; 5.º Alvaro Rodrigues (Bl.), 21,7 s.; 6.º Donald Martins (Sp.), 21 m. 19,6 s.; 7.º José Simões (Sp.); 8.º Joaquim Coutinho (Bl.); 9.º Aquiles Vieira (Sp.); 10.º António Ramalho (F. C. P.), 11.º Gil Mendes (Bl.); 12.º Mário Guedes; 13.º Fernando Guedes (Bl.); 14.º Oliveira Costa (A. F. C.); 15.º António Simões (Vit), campeão de Coimbra.

O campeão regional do Porto, Joaquim Alves, entrou em 23.º sentindo-se talvez da sua sudária inicial; o melhor homem de Tavim, Vítor Domingues chegou em 22.º e o de Santa Clara, João Vizeu, em 31.º

Entraram 52 corredores, desistindo portanto apenas dois, um de cada equipa portuense.

Por equipas, o Sporting meteu os seus cinco homens nos nove primeiros e somou 25 pontos; seguem-se Belenenses com 54 p., Bemfiã com 55. Académico 106, F. C. do Porto 112, Vitória 137, Tavim 160 e Santa Clara 170.

SALAZAR CARREIRA

A IGUALDADE DOS 2 "RIVAIS"



Teixeira da Silva e Custódio atropalham-se, caíndo o primeiro. Apesar de isso, o remate parte — sem resultado

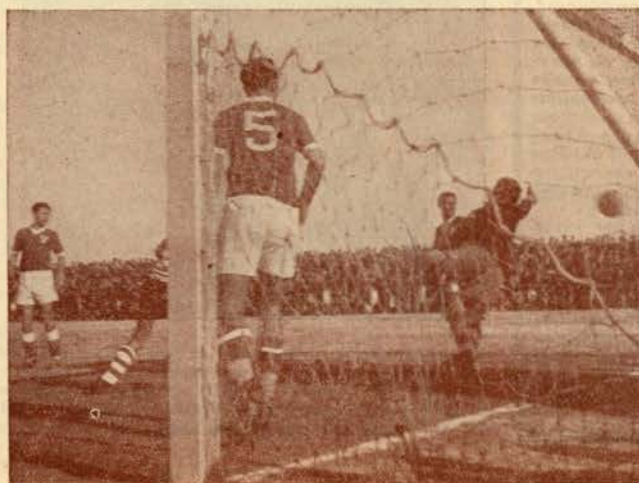


Silva bloca uma bola por alto, após a macção de um canto



A velha luta: António Marques e Briosso não se largam...

Covilhã afirma o seu valor



EM CIMA — Itaurindo corta um ataque do Sporting da Covilhã e salva o seu grupo

AO LADO — Um dos golos marcados pelo Sporting da Covilhã. O guarda-redes do Lusitano ainda se fez à bola, mas sem resultados práticos

Meio século de aviação

A aviação nasceu com o nosso século e, ao cabo de cinquenta anos é interessante fazer o balanço dos formidáveis progressos realizados, desde aquele dia de 1903 em que, em França, os irmãos americanos Wilbur e Orville Wright estabeleceram os primeiros recordes de velocidade (30 Km. à hora), de altitude (5 metros) e, de distância em linha recta (300 metros) e de duração (1 minuto). O primeiro circuito fechado, na extensão de um quilómetro, só cinco anos mais tarde, em 11 de Janeiro de 1908, foi percorrido por Henrique Farman.

Cinco décadas volvidas, Bell voou a 1.600 quilómetros à hora e atingiu 24.000 metros de altitude; um B. 50 pilotado pelo capitão Gallagher deu a volta ao mundo sem escala, reabastecendo-se em vôo; o B. 36 percorreu 13.000 quilómetros de uma tirada com os meios de bordo e o XC.99 transportou 50 toneladas de carga.

Mais frisante ainda é o facto de serem 3.000 os aviões comerciais que diariamente circulam por todos os céus da terra, somando 20 biliões de quilómetros por ano.

As cinquenta pessoas que, em 1900, se ocupavam de aviação, transformaram-se hoje nalguns milhões e a indústria do ar desenvolveu-se ao ponto de condicionar, quase, a sua grandeza e prosperidade.

Os grandes feitos do passado, as proezas dos percursos, a que Portugal se pode considerar gloriosamente associado pela proeza de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, parece-nos hoje insignificante, em confronto com as possibilidades actuais.

O enorme progresso mecânico e técnico, deu ao homem recursos para tornar banal o que outrora era apanágio dos audaciosos.

Recordem-se o entusiasmo com que foi acolhida, em 1909, a travessia da Mancha por Blériot (um simples saltinho de cobra) e os aplausos triunfais que cobriram o feito de Védrin, ganhando, em 1919, a corrida Paris-Madrid... em quatro dias, hoje simples questão de escasas horas.

Quarenta anos de engenho humano realizaram o incrível; Yaeger voou mais rápido do que o som, Odum circundou a terra em 76 horas, e já se fala como de uma eventualidade próxima na viagem até à lua, mais uma «impossibilidade» antevista pelo espírito inventivo de Júlio Verne.

NATAÇÃO

NOTAS SOLTAS

COM regularidade notável, o Sport Algés e Dafundo continua a movimentar os seus nadadores durante a quadra invernal.

Primeiramente efectuaram-se duas jornadas dos Campeonatos de Laverno, preenchidas com as provas de 50 metros-mariposa e 100 metros-livres, onde brilharam, respectivamente, entre outros, Eduardo Murta Barbeiro e Guilherme Patroni.

Presentemente, o prestante clube traz em disputa um curioso torneio, para o qual instituiu a taça «Engenheiro Moreira Rato». As provas têm provocado interessante emulação entre os nadadores do S. A. D. e há, realmente, alguns resultados a pôr em relevo; estão nesse caso os «tempos» alcançados por Eduardo Murta Barbeiro, José Inácio Borja e Eurico Rocha Surgey, nos 100 metros-costas, onde se creditaram, respectivamente, de 1 m. 14,6 s., 1 m. 16,1 s. e 1 m. 19,6 s.

Várias nadadoras, como Maria Luísa Malheiro da Silva, Maria de Lourdes Teixeira Mendes, Fernanda da Silveira Cunha, Maria Inez Teixeira dos Santos e Rita Emilia Bruno, têm actuado por forma a rerecer olgios.

ABEL ARAUJO GUIMARÃES, o valoroso representante do F. C. do Porto, que foi, sem dúvida, a grande revelação da última temporada, conquistando, em Coimbra, com muito brilho, os títulos nacionais de 200 metros-

bruços e 100 metros-mariposa, embarcou, há dias, de regresso ao Brasil, onde conta demorar-se cerca de dois anos.

Por coincidência curiosa, a estadia de Abel Guimarães em Portugal deu-se precisamente na altura da reorganização da Associação de Natação do Porto e a sua presença contribuiu grandemente para o ressurgimento da modalidade na capital do Norte. Abel Guimarães popularizou-se rapidamente e, quase de um dia para o outro, surgiu na primeira fila da natação portuguesa. A sua presença seria um estímulo precioso para insuflar ânimo dos nadadores da cidade lavieta.

Torna-se, pois necessário redobrar de esforços para que a natação portuense que, aliás, ainda conta uma campeã nacional — a gentil Allria Fiel — não perca o belo ritmo encetado na temporada finda e que antes procure valorizar-se cada vez mais, como núcleo indispensável ao progresso geral da natação portuguesa.

ESTAMOS em plena época de assembleias gerais. No Sport Algés e Dafundo houve remodelação quase total. O seu novo elenco tem agora à frente o nome conceituado de Teixeira Mendes. Na vice-presidência, um novo, antigo campeão e recordista, o dr. Francisco Alves.

No Nacional de Natação — que vive presentemente uma fase de belas perspectivas futuras — encontramos nos corpos gerentes,

entre outros, os nomes de Jaime Francisco de Moura, Nuno Leal, Rogério Pina e António Antas de Campos — indicativo iniludível que o clube está entregue em boas mãos, num momento que pode ser decisivo para o futuro da colectividade.

A todos desjames no exercício dos seus cargos as maiores felicidades.

NO Brasil, os campeonatos masculinos, recentemente disputados, revestiram-se de muita animação, principalmente devido ao duelo entre o Botafogo e o Fluminense e proporcionaram resultados valorosos.

Ademar Grijó venceu os 200 metros-bruços, em 2 m. 51 s.; Paluca triunfou nos 100 metros-costas, com 1 m. 9,6 s.; Aram creditou-se de 5 m. 1,4 s., nos 400 metros-livres; nos 1.500 metros-livres saiu vencedor Marvito Kelly dos Santos, com o «tempo» de 21 m. 31,6 s., e na estafeta de 3x100 metros, três estilos, triunfou a equipa do Botafogo.

OS campeonatos europeus de natação pura, saltos e «water-polo» efectuam-se este ano de 20 a 27 de Agosto, em Viena de Austria, segundo foi acordado recentemente numa reunião da Federação Europeia de Natação, e à qual assistiram representantes da França, Bélgica, Hungria, Holanda e Suécia. Estava em princípio assente que os campeonatos fossem organizados pela Hungria, mas este país retirou a sua candidatura a favor da Austria.

O programa do treino europeu começou já a ser elaborado, a fim de ser oportunamente submetido à apreciação da Federação Europeia. — ABREU TORRES



A equipa nacional Suíça de ski tem três mulheres para defender as cores helvéticas nos Campeonatos do Mundo de 1950, no Lago Plácido e Aspen. Esta é a campeã Rosmeria Blener, uma atleta de grande categoria



Siloia Mahlemann, extraordinária patinadora, que representa a Suíça nos Campeonatos do Mundo de ski, no Lago Plácido

Desporto Universitário

Torneios de futebol, voleibol e ténis de mesa

NÃO se pode afirmar que seja brilhante ou que prime pela regularidade a actividade do nosso desporto universitário. No entanto, algo se tem feito e algo se procura fazer. Acima de tudo, há realmente entusiasmo e boa vontade da parte de todos. Entre os

estudantes, há sem dúvida o gosto pelas práticas desportivas.

No entanto, as competições propriamente entre universitários rareiam. Eis porque é de aplaudir sem reservas, a bela iniciativa do Centro Universitário de Li boa da Mocidade Portuguesa, chamando a si a organização do campeonato de futebol, começado a disputar recentemente e que terá o seu epílogo a 25 de Março.

O torneio registou a inscrição de treze equipas, as quais foram divididas por duas séries, assim constituídas:

Série A: Belas Artes, Direito, Económicas, Ciências, E. do Exército e Agronomia.

Série B: Colonial, Medicina, Veterinária, Letras, I. N. E. F., Técnico e Escola Naval.

A segunda fase do torneio é a eliminar, jogando nas meias-finais o 1.º da série A com o 2.º da série B e o 2.º da série A com o 1.º da série B. Os vencedores disputarão a «final» prevista, como acimamos, a 25 de Março.

Há realmente que pôr no devido relevo o elevado número de equipas concorrentes a este torneio, o primeiro da temporada. Acrescente-se, no entanto, que outros estão previstos, movimentando praticantes de outras modalidades tais como o atletismo, basquetebol, andebol, esgrima, natação, remo, ténis, tiro, voleibol, vela, etc., prevendo-se portanto, de certo modo completo o programa desportivo, entre universitários na presente temporada, uma vez que se eleva a desano o número de torneios previstos.

O torneio de futebol parece ter começado sob bons auspícios. Interesse, entusiasmo, jogos disputados com animação e «clima» próprio.

Nos primeiros resultados verificados há de tudo um pouco: desde «scores» um tanto invulgares, a demonstrarem acentuada diferença de nível técnico e de capacidade realizadora, até desfechos pela tangente, indicativos de luta cerrada e igualdade de forças. Estão no primeiro caso as vitórias do Instituto Superior Técnico e da Faculdade de Medicina, por 18 0 e 11-2, respectivamente sobre a Faculdade de Letras e Escola Superior Colonial. Correspondem ao 2.º caso as vitórias alcançadas pela Escola Superior de Medicina Veterinária sobre a Escola Naval, por 4-2, e da Faculdade de Direito, sobre a Escola de Belas Artes, por 4-3.

Acima de tudo, porém, interessa a competição em si. O torneio é já uma organização que merece todo o amparo e todo o carinho.

Por outro lado, os torneios de voleibol e de ténis de mesa, reuniram, respectivamente, a inscrição de dez e onze escolas superiores.

O desporto universitário começa, pois, a movimentar-se. Há que salientar o facto. E augurar a todas as competições dentro da medida do possível, a melhor regularidade e o melhor brilho.

HIPISMO

Preparação da equipa nacional

COM vista à participação de Portugal nos Concursos Hípicos Internacionais de Madrid e de Bilbao e tomando como base de todo o trabalho de preparação a escolha da provável equipa que disputará na capital espanhola a «Taça de Ouro da Península», no ano passado conquistada pelos cavaleiros espanhóis, o capitão Correia Barreto acaba de proceder à distribuição dos cavalos da reserva da equipa nacional.

Isto é indício seguro de que se vai dar tempo suficiente à preparação dos cavalos que em Maio irão a Madrid tomar parte no Concurso Hípico Internacional, integrados na nossa equipa representativa.

Houve necessidade de escolher, em princípio, quatro montadas para a «Taça de Ouro» e depois proceder à sua distribuição pelos oficiais que estivessem, mais ou menos, indicados para fazer parte da equipa. Desse trabalho, moroso e delicado, que prendeu a atenção do novo Delegado do Ministério da Guerra, durante bastantes dias, apuraram-se «Mongua», «Vouga», «Mondina» e «Faraó» — três anglo-árabes e um puro sangue irlandês — que o capitão Barreto, com a aprovação do sr. tenente-coronel Santos Costa, distribuiu aos capitães Fernando Cavaleiro, Reimão Nogueira, José Carvalho e Henrique Calado.

Os cavalos «Favorito» (H. Calado); «Bajone» (Farrusco Junior); «Furacão» (Joviano Ramos); «Gasa» (José Carvalho) e «Flávia» (F. Cavaleiro) foram conservados nas mãos dos oficiais a quem estavam distribuídos, enquanto que «Alcoa» e «Xerez» ficaram por distribuir, uma vez que o seu estado de saúde não aconselhava, de momento, a sua inclusão em provas.

Se verificarmos com atenção a medida agora tomada, chegaremos à conclusão de que os homens indicados para prováveis da equipa, dispõem de cavalos de categoria. Assim teremos: Reimão Nogueira, com «Congo» e «Vouga»; Fernando Cavaleiro, com «Mongua» e «Flávia»; José Carvalho, com «Mondina» e «Gasa» e Henrique Calado, com «Faraó» e «Favorito».

Vai portanto começar a preparação de cavalos para os Concursos Internacionais, o primeiro dos quais em que Portugal tomará parte será o de Madrid, se não for possível a ida a Nice, o que se nos afigura extraordinariamente vantajoso e útil.

O «Concurso de Mafra» será como de costume, um certame de selecção, o qual poderá servir para alterações no grupo de prováveis

ANTAS TEIXEIRA



Fernando Cavaleiro, na «Mongua», um dos «conjuntos» em princípio designados para a «Taça de Ouro da Península»

FALAR POR FALAR...

HÁ no desporto português uns tantos problemas permanentes, que servem para alimentar a tendência nacional para polémica e os quais toda a gente comenta e aprecia a seu modo, quanta vez conhecendo-os apenas superficialmente ou sem inquirir sobre os seus elementos fundamentais.

O exemplo mais frisante é o do profissionalismo no futebol, com acérrimos defensores e intransigentes adversários, mas não seria difícil apontar mais meia dúzia deles, menos reclamados, mas também sempre em plano de actualidade: transferências, que os poderosos querem livres e os modestos trabalhadores consideram a salvaguarda do seu esforço; escolas de iniciação desportiva e idade mínima para a prática do desporto, etc., etc.

Sobre estes assuntos não haverá um português, que não tenha opinião formada; e, no entanto, como eles são complexos de analisar, quantos aspectos a considerar para que a solução venha a ser exactamente a precisa.

Por enquanto, cada cabeça, cada sentença, e surgem-nos por vezes, onde menos seria de presumir encontrá-las, as afirmações mais extraordinárias, apresentadas com surpreendente formalismo.

O desporto é uma actividade universal, com provas dadas pela experiência com muitos e variados meios. As suas regras gerais estão definidas e nenhuma solução se pode grandemente desviar delas; é mera questão de bom senso, de conhecimento de causa e consequente adaptação do geral ao particular.

Para os responsáveis, os problemas podem ser solucionados apenas no sentido do interesse comum e do benefício social; para os outros, para os que falam por falar, tudo está certo, desde que lhes sirva os interesses.

XADREZ

Com a participação das equipas da Casa dos Estudantes do Império, G. X. Faculdade de Ciências, G. P. Alekhine e G. D. da Imprensa Nacional, está a disputar-se com invulgar interesse um torneio inter-oficial, a que concorrem algumas dezenas de xadrezistas.

As partidas são jogadas nas se-

des dos clubes concorrentes, com assinalável êxito para a propagação da modalidade.

Após a 2.ª jornada, a classificação geral é a seguinte:

Faculdade de Ciências, 7 pontos; Estudantes do Império e G. X. Alekhine, 6,5; e I. Nacional, 3.

Os resultados parciais foram os seguintes: G. X. Alekhine, 4-Imprensa Nacional, 2; Estudantes do Império, 3-F. de Ciências 3; G. X. Alekhine, 2,5-E. do Império, 3,5; I. Nacional, 1-F. de Ciências, 4.

Assinem a STADIUM

BELENENSES ganha ...mas Académica porta-se bem



EM CIMA — Caelano lança-se aos pés do habilidoso Gorção e tira-lhe a bola, rodeado de Frade e Figueiredo. **A' ESQUERDA** — Caelano consegue uma defesa por alto, ao passo que Macedo se vê em apuros... **A' DIREITA** — Frade corta uma jogada e prepara-se para o ataque. Atrás, já botidos, Maceao e Duarte



Elvas empata na Tapadinha



A' ESQUERDA — Neves contrapõe-se a Ben David com êxito! Ao lado, vêm-se Teixeira da Silva e Osvaldo. **A' DIREITA** — Martinho, que é um atacante muito perigoso, desenvolve com entusiasmo a sua acção, vendo-se as balizas defendidas por Osvaldo, Roger e Gomes

O costume... em Setubal!



EM CIMA — Azevedo faz uma defesa por alto, auxiliado por Barrosal. Estão ao ataque Nunes e Lácio, seguindo perto do lance Candrão. *AO LADO* — *DE CIMA PARA BAIXO* — Nunes, num bom remate, abre o activo, marcando a primeira bola a favor do Vitória. Com a marcação do segundo golo, o Vitória de Setúbal lança-se abertamente no caminho do triunfo. Repare-se na confusão. Todos os jogadores estão na posição de sacrifício!



BENFICA passa em Olhão



DE CIMA PARA BAIXO — Félix devolve uma bola de cabeça, evidenciando a tranquilidade de jogo que está a ser a sua principal característica. ... E marca-se o primeiro golo do Olhanense. Rosa não ponde defender e Moreira não chegou a tempo!



Os algarvios atacam com grande ímpeto, mas o guarda-redes Rosa defende com segurança

Grupos de futebol da F. N. A. T.



O conjunto da Luzite que está a disputar o campeonato da categoria principal e que não tem sido feliz, pois que os resultados conseguidos não estão de harmonia com o valor até agora demonstrado. No 1.º plano da esquerda para a direita: Martinho, Monteiro, Serafim, Alexandre e Artur Silva. De Pé: Pereira, Cristino, Rui, Miguel, Gomes e Santos



O agrupamento da 2.ª categoria da Junta Nacional da Cortiça, que tem conseguido resultados modestos, alguns dos quais bastante desanimados mas que se lê em destacado no desportivismo, pelo que merecem citação especial. No 1.º plano da esquerda para a direita: Costa, Teixeira, Louro, Piedade e Meireles. De pé: Figueira, H. pôlito, Andrade, Pinto de Sousa, Rebelo e Nazaré

Ginásio do Alto Pina

(Continuação da pág. 3)

encontrado melhor orientador para se iniciar no pingue-pongue do que o sr. Artur Ribeiro. Os cinco anos em que permaneceu à frente da respectiva secção, no Sport Lisboa e Benfica, são a sua melhor credencial. Por isso contamos em fazer boa figura no próximo campeonato da Promoção.

— Em que categorias concorrem?

— Em todas — diz-nos Artur Ribeiro. Além disso, também vamos ao campeonato feminino.

— Há matéria prima?

A resposta do activo presidente do Ginásio do Alto do Pina veio rápida:

— Temos que bastar, felizmente; e graças à actividade dispendida pelo meu colega do conselho fiscal, sr. Alfredo Marques, que tem treinado os rapazes e as raparigas com o melhor da sua competência, havemos de marcar, tenho a certeza. Para melhor avaliar das nossas possibilidades, em nú-

mero de praticantes, basta dizer-se que no campeonato interno por mim organizado no ano findo — primeiro passo para o clube voltar ao desporto — contamos com 35 inscrições em três categorias, 16 dos quais em principiantes.

— Não pensam em mais desportos?

— Sim. Acalentamos o desejo de praticar o basquetebol e o voleibol, quando tivermos campo que nos permita treinar afinadamente. Se pudessemos dispor do terreno que se situa por detrás da nossa sede, ali ergueríamos instalações que tal permitissem. Assim...

Numa das paredes do gabinete em que a nossa conversa decorria, notáramos um friso de fotografias representando grupos de crianças impecavelmente vestidas de igual. Perguntamos a que se referiam. E Artur Ribeiro elucidou-nos:

— Trata-se de uma obra filantrópica que o meu clube desen-



Um exemplo modelar da forma como o avançado-centro dos juniores do F. C. do Porto conduz a bola...

O papel dos juniores no futebol português

(Continuação da pág. 2)

Em vez de ouvirmos Carlos Santos, para o não entontecer, preferimos procurar o seu treinador, Sebastião Silva, um elemento dedicadíssimo aos juniores, cuja carreira vem acompanhando desde há muito.

volve, desde a sua fundação. Todos os anos a secção de beneficência, apenas com recursos próprios que não salem dos cofres associativos — e nesse particular se tem distinguido o nosso consócio Eugénio Diniz, pelo seu incansável labor — veste e caça um grupo de crianças pobres do Bairro, tantos quantos anos o clube tem de vida.

— Este ano então...

— ... Vestir-se-ão 39, visto que o G. A. P. foi fundado em 1911.

Sem que dessemos por isso, o tempo voara. E havia que deixar prosseguir a reunião por nós interrompida. Demos uma olhadela à vitrina onde se alinham os 74 troféus da colectividade — entre eles uma magnífica taça oferecida pelo jornal «O Século», para premiar o trabalho do G. A. P. num dos muitos anos em que por este foi organizada a «marcha» folclórica do bairro, e despedimo nos. Antes, porém, recebemos do presidente do Ginásio do Alto do Pina este encargo, que gostosamente cumprimos.

— Aproveito oportunidade oferecida pela magnífica revista *Stadium*, para endereçar a todas as colectividades congêneres, Associações, Federações e Imprensa, a saudação amiga do Ginásio do Alto do Pina, e a afirmação do desejo que nos anima de com todos colaborar eficazmente na obra de prestígio das colectividades de Recreio, a bem do colectivismo, da cultura e do desporto. — R. M.

Disse-nos:

— Se alguns juniores do F. C. do Porto tivessem sido chamados às categorias superiores, talvez não aparecessem agora alguns problemas complicados. Não faltam rapazes novos de valor no meu clube. Em um deles, Vasco de Sá, deposito as maiores esperanças. Já o apresentei a Augusto Silva. O nosso excelente treinador também já tomou contacto com os juniores actuais.

— Aproveita-se algum? Dizem que o avançado-centro...

— Se quiser reforçar-se, teremos mais um homem de 1.ª categoria na próxima época. Tenho muita confiança nele, e ainda nos homens da defesa. Já viu jogar, por exemplo, Martins Ferreira?

— E' bom, de facto. Precisa apenas de alargar o «torax». Defende, então, o trabalho de preparação dos juniores...

— E tenho razões de sobra para isso. Se de uma equipa anual se tirarem pelo menos dois homens de valor, já é motivo de contentamento. Não se esqueça de que se pagam elevadas somas por elementos que jogam às vezes muito menos...

Sebastião Silva pensa bem. Custa muitas vezes acertar. E também custa descobrir bons juniores. Mas alguns vão aparecendo com as qualidades que se não observam em jogadores transferidos à custa de muito dinheiro.

Defenda-se, portanto, o jogador junior. A' custa desta verdade está o Salgueiros a progredir, visto que chamou à categoria principal grande número de elementos novos. Breve os apresentaremos nas colunas da *Stadium*, e ainda outros que tragam o devido reforço ao pensamento defendido através destes comentários. — R. T.

Prepara-se o I Porto-bisboa em futebol

A «Mocidade Portuguesa» tem os seus filiados em plena actividade desportiva. Entre os torneios presentemente em curso, todos rodeados de bela animação e entusiasmo, sobressai como é natural, o de futebol. Os jovens futebolistas da «M. P.» têm evidenciado boas qualidades, vivo interesse pelo desporto rei e isso justifica plenamente que os dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol, no sentido de proporcionar aos novos oportunidades de se afirmarem, tendo em vista a preparação de jovens futebolistas, tragam presentemente em estudo a realização de um encontro entre as selecções de futebol das Alas de Lisboa e do Porto, o qual poderia abrir, possivelmente, o programa de um dos próximos encontros internacionais a efectuar em Lisboa, ficando as despesas de deslocação das equipas a cargo da Federação Portuguesa de Futebol.

José Traveços — chefe da equipa de árbitros da «M. P.» — recebeu o encargo de seleccionar o «onze» lisboeta e está já a trabalhar nesse sentido.

Trata-se sem dúvida de uma excelente medida que vem animar particularmente a actividade futebolista do patriótico organismo e que representará uma nota inédita num dos próximos encontros internacionais a disputar no belo cenário do Jamar.

Entretanto, o campeonato da Ala de Lisboa prossegue animadamente disputado por dezasseis grupos, divididos, como se sabe, por três séries.

Na primeira, marcham em posição de evidência, acalentando legítimas aspirações ao título, os grupos da Escola Fonseca Bene-

vides, Pupilos do Exército e Escola Ferreira Borges. Na segunda série, o grupo do Liceu de Camões — após carreira meritória — está virtualmente apurado campeão. Na terceira, a luta tem sido renhida, o valor das equipas sensivelmente equilibrado, com relevo para os conjuntos do Colégio Uissiponense, «O Académico», Liceu de D. João de Castro e Escola Académica.

Carlos Henriques e Alvaro Bonifácio, campeões de ténis de mesa

Terminaram já os campeonatos de ténis de mesa da Ala de Lisboa, para os escalões de vanguardistas e de cadetes.

Os torneios rodearam-se de particular animação, reuniram elevada inscrição e decorreram sem com apreciável regularidade. As «finais» disputaram-se nas mesas da Escola do dr. José Maria Rodrigues e forneceram os resultados seguintes:

Vanguardistas: 1.º Carlos José Henriques (Colégio Moderno); 2.º José Tomás Alvarez (Escola de Veiga Beirão); 3.º José Machado Costa (Colégio «O Académico»); 4.º João Manuel Almeida Pinto (Escola de Marquês de Pombal).

Cadetes: 1.º Alvaro Saramago Bonifácio (Colégio «O Académico»); 2.º Rui Patrício (Colégio Moderno); 3.º João Silva Simões (Escola Marquês de Pombal); 4.º Fernando Monteiro (Liceu de Passos Manuel).

Os dos primeiros classificados de cada escalão ficam apurados para disputar o campeonato provincial.



A selecção portuguesa de futebol voltou a treinar na passada quarta-feira no Estádio Nacional. A sessão, precedida de exercícios de ginástica, durou 60 minutos em partes de meia hora. Fez de grupo treinador o Casa Pia Atlético Clube. A superioridade da Selecção tornou-se evidente, mas a mecanização do conjunto mostrou-se deficiente. O treino forneceu apenas escassas indicações; isto, na hipótese de ter dado alguns ensinamentos.

Alfredo e Carvalho não compareceram; Francisco Ferreira, Fernandes e Pacheco Nobre apresentaram-se... mas não treinaram.

A preparação vai ser interrompida novamente para se disputar a 26 próximo um desafio contra o S. Lorenzo de Almagro. No dia 6 de Março, já escolhida a equipa, os internacionais entrarão em regime de estágio no Estoril.

Publicamos a fotografia dos jogadores que compareceram nesta segunda sessão. No primeiro plano, da esquerda para a direita: Canário, Jesus Correia, Vasques, Cabrita, Rogério, Fernando Caiado e Aico Ferreira. No segundo plano: o professor de ginástica Fernando Ferreira, Virgílio, Felix, Sarafim, o treinador inglês Ted Smith, Moreira, Barrosa, Capela e Rosário.

PROBLEMAS DO FUTEBOL

Velocidade e "shoot" forte

VELOCIDADE e potência de «shoot» são sentidos que não podem deixar de apurar-se num jogo de movimentos rápidos como é o nosso. «Shoot» forte para as transposições impostas pelo sistema, «shoot» forte para o remate — e velocidade para as desmarcações. Neste momento esses sentidos terão de ser como que exarcebados no futebol português, que dentro em breve irá medir forças, para uma competição que muito lhe interessa, com outro futebol especialmente veloz e magnificamente dotado de pontapé...

Além na própria marcação, a velocidade é indispensável.

Esta é, depois do instante sereno da «execução», o sentido que projecta, prolonga e distende os lances.

Tal tendência é evidente, diremos mesmo natural, em quase todos os homens do nosso «association», embora em alguns não esteja completamente despertada, pois uma vez por outra se observam «quecimentos» ou lapsos que refreiam as jogadas.

Se no jogo inglês (na realidade, os britânicos não hesitam um segundo no aproveitamento dessa facilidade) ela aparece com uma pureza incomparável, a ponto de se apresentar como uma das suas características, não há dúvida que a mesma tendência assume no futebol português aspectos de igual ou também especial naturalidade.

Teremos, portanto, de a valorizar, através do estudo e da insistência.

Interiores e médios, precisa-

mente pela sua posição, são os que com mais frequência dela poderão utilizar-se e tirar vantagem.

No futebol moderno ninguém como estes serve e se encontra tão repetidas vezes nos caminhos da «desmarcação». Eles são, com efeito, os pontos fundamentais e os fulcros das triangulações. Deve dizer-se até que sem a intervenção os movimentos triangulares seriam inexistentes.

O princípio da bola a correr e o homem parado só teoricamente se poderá aceitar. Demais, o futebol nunca foi um jogo de homens parados.

Se a bola terá de correr mais do que o jogador, isto de maneira nenhuma significa que o homem deixe de correr.

A teoria, de resto, sofreu profundas alterações em virtude das inovações tácticas.

O jogo abre-se hoje em largas sendas que tem de ser percorridas, simultaneamente, — pelo homem e pela bola.

E' na transposição dessas sendas que nasce a velocidade. Na saída do dribble, após o amortecimento da bola ou na transposição, sem bola e sem nada, para a desmarcação.

E é em plena velocidade que o «shoot» depara com o seu momento capital, quer seja para a passagem, quer seja para o remate.

O problema não é novo. Tem, no entanto, uma grande actualidade.

Por isso aqui o colocamos.

ADRIANO PEIXOTO



SEGUNDA DIVISÃO — O Sport Clubs de Vila Real derrotou o Vianense por 3-0, num encontro disputado sob chuva torrencial. Helder, do Vila Real, passa com precisão aos seus avançados

CURIOSIDADES...

O ciclista Aniceto Bruno, chefe e treinador dos estradistas do F. C. do Porto, principiou a treinar com insistência. Prepara-se Aniceto Bruno para reaparecer em provas de pista.

◆ Baptista, que alinhou várias vezes a extremo direito do F. C. do Porto, baixou a uma Casa de Saúde, a fim de ser operado do apêndice.

◆ Os jornais portugueses, o mais justamente possível, mostram-se satisfeitos com o trabalho de Serafim no último treino da selecção nacional.

◆ Continua a dizer-se que aparecerá brevemente no Porto, às segundas-feiras, um jornal desportivo de grande formato, colaborado por alguns dos mais categorizados jornalistas portugueses.

◆ A notícia de jogar no Porto a equipa do Racing de Buenos Aires não pode confirmar-se ainda.

◆ O ataque do F. C. do Porto continua a carecer de remodelação completa. É pelo menos a opinião de Augusto Silva, que não pode exigir «tudo» da sua defesa.

◆ Foi eleito presidente da Associação de Ciclismo do Norte o desportista José Donas. Há quem julgue, entretanto, que o F. C. do Porto prestou um mau serviço àquela seu antigo dirigente...

◆ O Lisboa-Porto em andebol talvez se não efectue. É pelo me-

nos nesta altura a opinião dominante. A Associação do Porto deve a visita à Associação de Lisboa, mas não tem dinheiro para custear as despesas. A confirmar-se o que sabemos, portanto, terá de adiar-se o jogo para mais tarde.

◆ Há um corredor português, Albino Rodrigues da Silva, que corre léguas e «Corta-Mato» há perto de vinte anos! Ganha ainda todas as provas de seniores, cá no Porto. Moral do caso: os nossos progressos na modalidade são de caranguejo...

◆ O árbitro do Porto-Salgueiros em juniores expulsou do campo o extremo direito azul branco numa decisão equívoca. Parece que toda a assistência concordou — porque todos viram o lance desapassionadamente. Mas o rapaz foi castigado com 4 jogos...

◆ Fala-se no regresso de um jogador aos pátrios lares. Se isso acontecer não faltam candidatos que procurem obter os seus serviços. Não diremos o nome, mas «branco é galinha o pé...»

◆ A ideia de que Vital será um excelente extremo direito é constantemente ventilada. O incêndio alastra e é necessário deitar na fogueira alguma água...

na capital do NORTE

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Arbitros maus...

As arbitragens continuam a causar destruições, deixando as suas marcas profundas no corpo dos clubes. Não perdemos ao número das pessoas atacadas pela mania da perseguição, mas se o leitor quiser dar-se mais uma vez ao trabalho de consultar os jornais, encontrará certamente motivo para aplaudir estas palavras de crítica.

Entretanto, continua a exigir-se a compostura do público, dos jogadores e o rigor dos clubes na disciplina das pessoas a si ligadas. Muito bem. Há jogadores que praticam males condenáveis, assistentes a quem falta o mínimo de serenidade para enfrentar as derrotas.

Mas há árbitros muito maus! Árbitros que dão publica nota da sua pouca firmeza — principalmente no campo do proprietário! E isso deve acabar de uma vez para sempre. As Comissões Nacionais ou Distritais parecem cruzar os braços com indiferença, e parece-nos que não seria muito difícil acompanhar o trabalho dos seus filiados, através dos relatos de críticos autorizados ou fazendo observar a sua acção por delegados competentes e afeitos aos clubes em luta.

Que fazer no caso de não cumprirem a lei ou de se deixarem subjugados pelo ambiente? Propor e aprovar um castigo que os atinja também, no premio de arbitragem ou no que possa prejudicá-los. Assim, parece que só pagam os clubes, os jogadores e o público. O árbitro mau, esse, continua a rir-se na cara de todos.

Mais um penalti contra o Porto...

Os jornais da especialidade apontaram mais uma grande penalidade «por favor» dos árbitros contra o F. C. do Porto, no jogo de Vila Real de Santo António. A primeira vista, pouca importância terão estas coisas. Mas, infelizmente, tornam-se tão frequentes, que já não pode a crítica norte-nha deixar de se lhe referir com certa mágoa.

Tudo começa a ser muito simples para os árbitros... Quando estão no campo da casa! Uma bola que salta à mão, inofensiva, e aí temos nós a maneira rápida e prática de resolver um problema, antes que apareçam outras complicações!

Após esta decisão, já se pode ser correctamente imparcial, já se pode dar a sensação de competência... Ora, isto começa a ser muito violento. Ninguém toma providências. Ninguém se preocupa com estas irregularidades. Às vezes surgem até umas «tempetadesinhas» que perturbam o meio, e nessas nem queremos acreditar de modo algum. Se fossemos a acreditar, por exemplo, nas atitudes que se apontam a certas pessoas, chegaríamos a conclusões bem desagradáveis.

Fi a agora de pé, e isto chega, que entrou mais uma grande penalidade, na baliza do F. C. do Porto, por influência da arbitragem.

Afirmou-o a crítica, e ainda outras pessoas que tiveram os olhos bem abertos lá por Vila Real de Santo António...

Representação do F. C. do Porto na Associação Distrital

O dr. Urgel Horta e o antigo campeão português de futebol, João Nunes, são dois nomes do melhor metal desportivo português.

O primeiro foi vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol, nos tempos de livre escolha em Congresso. O segundo, atleta brioso e amador, português de futebol, campeão nacional, técnico e dirigente.

Dr. Urgel Horta, médico dos mais ilustres do Porto, antigo presidente, também, dos campeonatos azuis brancos, caracter inteiro e desportista de uma só fé, continua amigo fiel do desporto, seguindo dia a dia a sua evolução e a sua vida, nunca falando nas suas manifestações de pouca ou de muita importância.

João Nunes, primeiro campeão nacional de futebol, título que conquistou duas vezes, dirigiu igualmente o F. C. do Porto, procurando trabalhar sempre pelo seu engrandecimento, contribuindo com o seu prestigio pessoal para a valorização da colectividade que representou durante anos e para cujo Estádio ofereceu a sua medalha de ouro de campeão!

Ambos, dr. Urgel Horta e João Nunes, conquistaram a simpatia de quem os conhece, não só de agora como de há muito. Aprumados e dignos, não precisam de elevar as pontas dos pés para ser vistos. Nem precisam de promover a sua propaganda nas tertulias do «café». Respiram personalidade, correcção, inteligência — e servem o desporto nacional sem de se precisar.

Ultimamente, porém, chamou-os o F. C. do Porto para cargos na A. F. Porto. Um, dr. Urgel Horta, seria presidente da direcção; outro, João Nunes, presidente do Conselho Técnico. Em boas mãos ficavam os cargos. Ninguém de boa fé poderia atirar-lhes a mais pequena pedra. Nenhuma colectividade, nenhum desportista, deveriam ter coragem de se opor ao seu regresso à vida desportiva, a que tem pernicado com nobreza exemplar.

Mas... neste meio, ingrato e incompreensível pensou-se de outra forma. Saltando por cima dos nomes escolhidos e indicados pelo F. C. do Porto, — resolveram alguns eleger homens que lhe pertencem, na verdade, mas que não foram escolhidos dentro do clube para o representar! Isto, com certeza, não lembrava ao diabo...

Os nomes prestigiosos do dr. Urgel Horta e de João Nunes ficaram assim preteridos, quando representavam de facto o seu clube. E, la-

mentavelmente, colocaram-se em situação delicada outros nomes, o do dr. José Sá, especialmente, que não recebeu do clube que representava o apoio necessário e indispensável a uma eleição em forma.

O que poderá então acontecer? Pouco, certamente, dada a maneira fácil como tudo se resolve fora das secretarias responsáveis. Dirá o F. C. do Porto que não reconhece como seus representantes os nomes que aparecem na lista envolvidos com a bandeira do clube — e tem razão para isso. Deve mesmo fazê-lo, para prestigio das suas atitudes e para não consentir amanhã que qualquer senhor use uma representação que lhe não foi atribuída. Pensarão os eleitos que isso pouco importa.

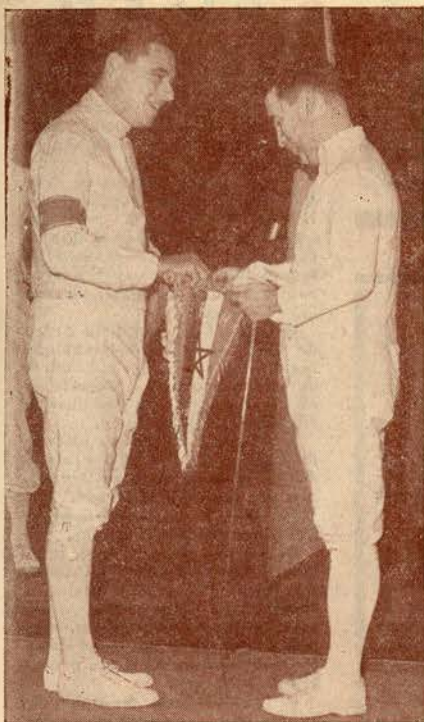
Mas, se os direitos de um clube não são para respeitar, como podem julgar-se de futuro os convites para reuniões e os pedidos de indicação de nomes para os corpos gerentes das entidades a que pertencem? Haveria alguma nota para apontar nos nomes do dr. Urgel Horta e de João Nunes?

Ninguém de boa visão e de boa fé se aponta. Completamente impossível. Logo, há uma resposta a dar, seja pelo F. C. do Porto, seja pelos eleitos sem representação oficial. Se assim não acontecer, não nos venham afirmar que nestas eleições se procede com elevação e respeito pelos clubes desportivos.

Não queremos, de modo algum, afrontar os nomes que se apresentaram (?) na qualidade de representantes de uma colectividade como o F. C. do Porto. Mas é justa a eliminação de incongruências de tal quilate. Doa a quem doer, e custe o que custar.

Se estes casos não forem regulados de acordo com os interesses dos organismos, cairemos fatalmente num beco sem saída, no inevitável campo da agressão ao pensamento dos clubes, onde naturalmente se sabe o que importa fazer em emergências como esta. Não são os estranhos que mandam em casa alheia, nem são os estranhos que podem talhar as fatias de outrem. Essa atitude constitui abuso inqualificável, e só lamentamos que processos velhos e nocivos se tenham agitado agora, dando conta de uma confusão que humilha clubes e seus adeptos. E há com certeza elementos ofendidos, justificadamente melindrados pelo comportamento ilegal de um sector que até se deu ao luxo de substituir o critério de uma gerência responsável!

A selecção de Marrocos contra os esgrimistas portugueses



Colias e Reinaldo Monteiro, chefes das equipas marroquina e portuguesa, na treca de galhardetes



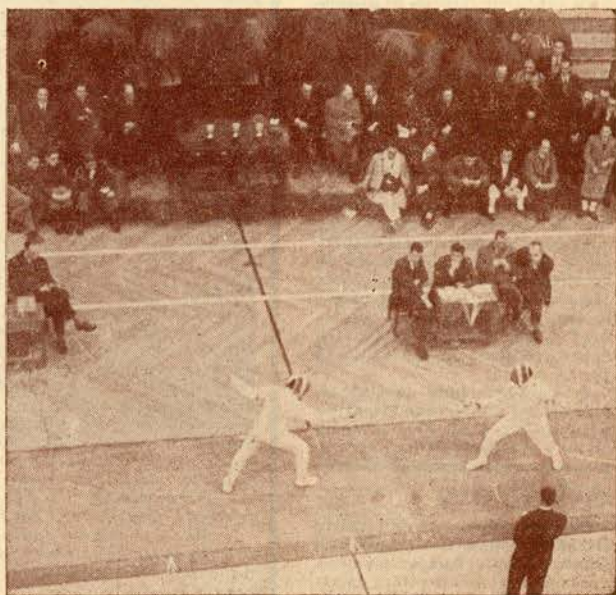
Os aliradores portugueses: da esquerda para a direita, no 1.º plano: Melo de Castro, Domingos Romão, Reinaldo Monteiro, Cunha Sardinha, Andrade Barreto e Carlos Cardoso; no 2.º plano: José de Figueiredo, Carlos Dias, José Pablo, Alvaro Pinto, Mário Mourão e Pinto Ferreira

O encontro entre os esgrimistas marroquinos e portugueses disputado às três armas constituiu jornada muito agradável e por certo proporcionou treino proveitoso aos aliradores portugueses.

As vitórias impostas pelos componentes da selecção de Marrocos confirmaram a categoria de que vinham precedidos. Triunfaram bem em todos os «matches», demonstrando técnica superior e a experiência do contacto com os grandes torneios. Convenceram por isso, absolutamente, nos

«matches» de florete e sabre. Os portugueses foram admiráveis de desportivismo e de vontade quase chegando à vitória no encontro à espada. Se o triunfo nos pertencesse nesta arma, a vitória compensaria com justiça os melhores valores sobre o tapete. Alvaro Pinto, Carlos Dias e Mário Mourão — um estreante em encontros desta importância — tiveram lances tocados por manifesta falta de sorte.

As provas individuais foram outros tantos triunfos para os esgrimistas marroquinos. A vivacidade de que rodeiam os seus



AO LADO — Os aliradores do Marrocos François: da esquerda para a direita, no primeiro plano: Le Lebriur, Richard e Bonny; no 2.º plano: Pradal, Colias, Perreno e Lafuente. EM CIMA — Na prova de equipas de espada, Carlos Dias (à esquerda) bate-se com Colias

assaltos e a velocidade com que fazem os seus golpes foram as características especiais que rodearam a sua presença neste encontro de esgrimistas no Pavilhão dos Desportos.

Dos franco-marroquinos, Perreno foi o mais brilhante. A sua

vitória individual no sabre conseguiu.

Por tudo, este encontro entre os esgrimistas portugueses e da selecção de Marrocos agradou, marcando uma iniciativa de grande interesse para o necessário contacto internacional dos esgrimistas portugueses.

A VIDA DESPORTIVA FORA DO ESSE MUNDO

BOXE

Jake La Motta, campeão do Mundo de «médios» reapareceu finalmente. Oposto, em Detroit, ao modesto «semi-pesado» Dick Wagner, o Touro de Bronx conquistou a vitória, por intervenção do árbitro ao 9.º assalto.

A batalha não aqueceu os onze mil espectadores reunidos no Biggs Stadium. A partir do quarto episódio Wagner agiu na defensiva e estava exausto no momento do árbitro suspender a continuação do combate, tornando muito desigual.

♦ Bobby Day, pugilista negro de nacionalidade americana que reside em Paris, foi a Londres derrotar por pontos o pretendente oficial ao título de «médios» da Inglaterra, Albert Finch.

A princípio, a esgrima clássica do jogador local impôs-se, mas a dureza de golpe de Baby Day acabou por decidir a contenda.

Foi este o primeiro combate televisado na Grã-Bretanha.

♦ Em Amiens (França), combateram os dois pesos «mínimos» franceses, Honorato Pratesi e Mustaphoui. O encontro acabou com a derrota do segundo, cuja preocupação era aguentar até ao fim dos assaltos previstos e conseguiu o intento.

♦ O campeonato do Mundo de «levisísimos» concertado entre Manuel Ortiz, detentor, e o inglês Danny O' Sullivan para 28 do corrente foi transferido para Março. Motivo: o estado de saúde do campeão, agora deficiente.

♦ Em Copenhague alguns pugilistas franceses de modesto valor perderam em benefício de pugilistas dinamarqueses pouco reputados. Marcel Mathien («levisímo») foi subjugado por Anker Schene, Celestino Pierluigi (médio) imitou aquele ante Martin Hansen, e Meandro Mateos (leve) portou-se de igual maneira, deixando a vitória a Jergen Juhansen.

Sómente Marcel Lesage («semi-leve») triunfou, sobre Arger Warburg, adormecido por K-O ao 2.º round.

♦ Villemain, pretendente à sucessão de Marcel Cerdan, derrotou em Paris o campeão nacional de «médios», Jean Stork e fez-o conclusivamente. Anuncia-se para o mês próximo a sua reaparição nos Estados Unidos, tendo como adversário o cubano Kid Gavilan, vencedor recente de Dauthuille, em Montreal.

♦ Charlie Humetz, vencedor de Rafael da Silva no torneio de Bruxelas, em 1948, conquistou agora o título de campeão da França de «semi-médios», ao derrotar por pontos o vencedor de Titi Clavel, Omar Koudri, veterano de cem batalhas. O encontro efectuado em Marrocos, foi presenciado por elevado número de espectadores.

♦ Steve Belloise voltou a exhibir-se, pondo fora de combate ao 7.º assalto o estoniano Anton Radick, antigo adversário de Cerdan. O combate travou-se em Buffalo.

♦ Archie Moore, «semi-pesado», que figura entre os primeiros pugilistas mundiais dessa categoria ganhou por pontos, na cidade de Toledo, a outro preto, Bert Lytell.

Ténis

Com a assistência dos representantes diplomáticos de quase todos os países inscritos, efectuou-se em Nova York o sorteio das nações para a disputa da Taça Davis.

Presidiu o secretário geral da O. N. U. e o resultado da cerimónia foi o seguinte:

Zona Europeia: 1, Israel; 2 Polónia; 3, Irlanda; 4, Monaco; 5, Perú; 6, Filipinas; 7, Paquistão; 8, Holanda; 9, Suécia; 10, Noruega; 11, Hungria; 12, Suécia; 13, Áustria; 14, Bélgica; 15, Finlândia; 16, Inglaterra; 17, Itália; 18 Luxemburgo; 19, Egipto; 20, Dinamarca; 21 França; 22, Suíça.

Zona Americana: 1, Austrália; 2, Canadá; 3, México; 4, Cuba.

Portugal, conforme se vê, não se insereu na competição.

Râgbi

No campo relvado de Swanses, defrontaram-se para valer no Torneio das Cinco Nações, os grupos representativos da Escócia e da Gales.

Por motivo da vitória recente dos galenses sobre os ingleses, aqueles eram favoritos não desiludindo os partidários; todavia os jogadores da Escócia provaram inicialmente muita capacidade nas «formações», impondo a defensiva aos adversários.

Na primeira parte perderam uma bela oportunidade de marcar ensaios, quando Schmidt desperdiçou um passe a descoberto de resultados garantidos. Na segunda metade do jogo, os dianteiros galenses produziram belas combinações e terminaram o encontro com o resultado favorável de 12 pontos a zero.

♦ A Universidade de Oxford, jogando no seu terreno, derrotou a equipa do Stade Français pela elevada pontuação de 23 a zero.

Atletismo

Os jogos Olímpicos do Império Britânico disputados em Auckland (Nova Zelândia) foram inaugurados sob uma temperatura tórrida, tendo perto de 40 mil espectadores a presenciá-los, no Eden Park.

O número de concorrentes elevou-se a 500, representando os 13 países do Império. As principais proezas tiveram os seguintes resultados: 100 jardas: Treloar (Austrália) em 9.7 s.; salto em altura: Winter (Austrália) com 1.98; seis milhas: Nelson (N. Zelândia) em 30 m. 29.6 s.; Parlett (Inglaterra) e Parnell (Canadá) venceram as eliminatórias das 880 jardas no tempo excelente de 1 m. 52.1 s. e 1 m. 52.2 s.

NOTA DA SEMANA

PRIMO CARNERA, o gigante italiano cuja actividade pugilística elevou ao campeonato mundial de todas as categorias, em 1934, para cair rapidamente depois de vencido por Max Baer e por Joe Louis, voltou a ser vedeta popular.

Carnera naturalizara-se francês, contudo fugiu a prestar serviço militar quando a França e a Alemanha entraram na guerra. Refugiado em Itália, conservou-se por muito tempo em contacto com o serviço de espionagem norte-americano, obtendo por paga dos seus serviços anti-nacionais a possibilidade de voltar aos Estados Unidos, onde se dedicou à prática da luta-livre com êxito sem precedentes.

O público aprecia as exhibições grescosas do colosso de Sequals, pagando avultadas somas para o ver em acção. Ultimamente, Carnera enfrentou o grego Jim London, ex-campeão mundial da modalidade, e o «match», celebrado em Chicago atraiu catorze mil espectadores, atingindo a receita o quantitativo respeitável de 54.000 dólares, o recorde absoluto neste género de desportos.

Embora London seja, quando muito, a pádua sombra do atleta vigoroso e sabedor que vimos em Lourenço Marques, há dez anos, conseguiu neutralizar os esforços de Carnera, impondo-lhe um empate ao cabo de demorada batalha.

O público, muito embora, exultou e aplaudiu o colosso. Tão extraordinário favor de plebe, que há quinze anos o cobria de chufas e remoques, comparando-o ao queijo Gorgonzola (entre outras amabilidades de discutível bom gosto) não constitui, apenas, uma prova da inconstância da opinião pública.

Carnera, hoje bem instalado na existência, usufrui os lucros da traição encoberta, em benefício dos exércitos do país invasor.

Tornado satélite dos norte-americanos, já ninguém pensa em desdenhar das suas proezas desportivas, agora menos dignas de apreço e muito mais vulgares, porque a idade inexorável lhe não perdoa nem poupa o desgaste do Tempo.

O Destino, por vezes, tem destes estravagantes paradosos.

NAS margens do rio Bidassoa, que serve de fronteira com a França e a Espanha, joga-se o futebol, como sucede, aliás, noutras localidades de ambos os países. Contudo, no rectângulo de Puntal de España, aconteceu um singular episódio que, pela sua raridade nos parece merecedor de alguns comentários especiais. Batiam-se entusiasticamente dois grupos, o litular de Fuenterrábia e a equipa de Irun, estando a prémio o campeonato fronteiriço da bola redonda, quando o jogador Eceizabarreta, ao aplicar na pelota uma «pastilha» de efeito viu aquela ser levada pelo vento até cair em águas territoriais da nação fronteiriça.

Para cúmulo do azar, Fuenterrábia só dispunha de um esférico! Que fazer, em tal emergência? Pescá-lo, sem mais.

Mas o problema podia complicar-se, dada a circunstância da bola se ter expatriado involuntariamente e as relações diplomáticas franco-espanholas se não encontrarem tão cordiais quanto seria para desejar.

Em suma: os espectadores, ajudados por barcos e lanchas, empenharam-se na pesca desportiva do couro de redondas formas e lá conseguiram capturá-lo sem outras formalidades alfandegárias.

Aqui está um episódio original que o futebol pode exhibir com usania. Chutar em terras de Espanha e marcar um pontapé-livre em França é coisa que se não observa todos os dias, como, igualmente, se não vê a colaboração entre o jogo de futebol e a pesca, por se tratar de géneros atléticos demasiado distantes um do outro.

Os amadores de estravagâncias tomem nota deste facto, e juntem-no a outros de igual teor, se por ventura tiverem anotado mais alguns.

RAFAEL BARRADAS

Apontamentos para a história do atletismo em Portugal

XII — O salto com vara

A prova do salto com vara é daquelas em que mais pobre tem sido o atletismo português, mantendo-se os seus trabalhos a enorme distância do mínimo de valor Internacional e os seus concursos em desoladora penúria de participantes.

Actualmente, ainda, mais de um metro nos separa do recorde mundial, e os quatro metros, que constituem o limite inferior da classe de especialista no estrangeiro, constituem para os portugueses uma vaga e quimérica aspiração. Nestas circunstâncias, falar do salto com vara é ingrato e árdua tarefa, a reduzir no interesse do próprio leitor.

Bastará dizer, em comprovação do dito, que o recorde de Cabeça Ramos durou quinze anos e o actual, de Fernando Boaventura, vai a caminho dos dez. Em trinta e cinco anos, o máximo nacional subiu 43 cm., ao passo que o máximo mundial progrediu 75 cm.: os nossos progressos são, portanto, na realidade, regresso.

Ao cabo de quatro décadas, apenas cinco portugueses alcançaram os 3,^m50 e são ao todo trinta e um os saltadores que ultrapassaram 3,^m20 ou altura superior. Esta inferioridade deve considerar-se corolário da maior complexidade técnica do exercício e, também e sobretudo, da rudimentar preparação dos praticantes para uma especialidade que necessita de requintada execução ginástica acrobática, mesmo.

Para melhor ajuizar da nossa inferioridade no salto com vara comparemos os 755 p. finlandeses que correspondem ao nosso recorde nacional, com os dos outros saltos: altura 884 p., comprimento 897 p., triplo 885 p.; com a mais fraca das marcas nacionais de corridas, 1.000 metros, 818 p. e com os próprios lançamentos, onde só o do dardo lhe é ainda inferior, 709 p., os três restantes ultrapassando os oitocentos pontos.

Postas assim as coisas, passemos a historiar.

O início da especialidade, na forma de competição, encontramos no torneio de organização no velódromo de Palhavã, em 7 de Junho de 1907, pelo C. Internacional de Futebol; Viljar Ryder foi o vencedor deste primeiro concurso de salto com vara, transpondo 2,^m62, seguido por D. Figueiredo com 2,^m60.

Dois anos depois, em 13 de Junho de 1909, num campeonato inter-escolar, Prestes Salgueiro, do Colégio Militar, ganhou a prova com 2,^m50 e, no Porto, no mesmo dia, Alberto Mendonça era vencedor de outro concurso de salto com vara, alcançando 2,^m60.

E tudo quanto conseguimos averiguar até à organização oficial do

atletismo, inaugurada em 26 de Junho de 1910 com os primeiros Jogos Olímpicos Nacionais, da iniciativa da Sociedade Promotora de Educação Física Nacional.

Faria de Moraes, do Ginásio Clube Português e António Stromp, do Sporting C. de Portugal, foram classificados em igualdade em primeiro lugar, com 2,^m90, resultado que figura à cabeça da lista dos recordes nacionais.

No ano imediato (25 de Junho), a luta travou-se entre António Stromp e um novo, Celestino Pais Ramos, que representava o Campo

Pais Ramos foi o segundo, com 2,^m90 apenas.

O saltador eborense marcou então, durante anos, superioridade manifesta, ganhando quantos concursos disputou. Em 1913 venceu, na Semana Desportiva do jornal «O Mundo», com escassos 2,^m95, que lhe bastaram também depois para ser campeão nacional. No concurso inter-escolar, em que não participou, o seu mais directo rival, Pais Ramos, obteve o primeiro lugar, com idêntica marca.

Em 1914, Augusto Cabeça Ramos venceu o campeonato da Socie-

para o salto com vara, resultados modestos, compatíveis com o estado geral do atletismo português.

A lista completa dos vencedores, neste concurso, que se disputou sete vezes, é a seguinte: 1918, Sousa Neves e P. Nápoles, 2,^m85; 1919, Moraes Sermento, 2,^m85; 1920, Celino Mexilas 3^m; 1921, Sousa Neves, 2,^m75; 1922, Angelo Mendonça, 2,^m85; 1923, J. Montalvão, 2,^m60; 1924, Mexia Salema, 2,^m65.

Com a fundação de nova Federação Portuguesa de Sports Atléticos, recomçou a actividade regular do atletismo português, o que permitiu, ano a ano, melhoria progressiva na média dos resultados.

Em 1922, a melhor marca foi alcançada por Júlio Montalvão, no campeonato nacional, e Angelo Mendonça, no torneio do S. L. e Benfica, 2,^m85. Os outros concursos da época foram ganhos: o Regional por Moura e Sá, com 2,^m85; o Escolar por F. Barradas, com 2,^m60; o torneio para juniores organizado pelo S. L. B., por Moura Braz, com 2,^m55 e a prova organizada nos jardins do Palácio de Cristal, no Porto, por Loroze, com 2,^m52.

Nenhum progresso em 1923, cujo melhor resultado é ainda o Nacional, com os mesmos 2,^m85, por Júlio Montalvão e Mexia Salema. Outros resultados: Escolar, Santos Guerreiro, 2,^m60; Juniores do S. L. B., Ferreira dos Santos, 2,^m60, Regional, J. Montalvão, 2,^m50.

O ano de 1924 foi ainda pior; João Estêvão Pinto conseguiu no Regional de Lisboa, a melhor marca da temporada, com 2,^m75. Os restantes vencedores foram: Osório e Loroze, no Regional do Porto, com 2,^m60; Eduardo Metzner, no Escolar, com 2,^m50; João Macedo e Osório, no Nacional, com 2,^m65; finalmente, no Concurso do Nun' Alvares, Salazar Carreira, com 2,^m60.

Como se verifica por estas notas, os desempates não eram usados nestes tempos e as classificações em comum, frequentes.

Em 1925, os resultados melhoraram bastante no final da época. Os campeões foram: Francisco Duarte, no Porto, com 2,^m85 e João Conreiras, no Nacional, com 2,^m80, não se celebrando o Regional em Lisboa.

Nos dois concursos portugueses, organizados pelos clubes Académico e Nun' Alvares, atingiram-se, por fim, de novo os três metros, o que não sucedia desde o desaparecimento de Cabeça Ramos.

No torneio do Nun' Alvares, o sportiniquista Moura Braz venceu com 3,^m05, segunda marca nacional, classificando-se a seguir Osório, com 3^m, altura também transposta por Loroze, vencedor do concurso do Académico.

SALAZAR CARREIRA

(Continua)



Cristovão Cardoso, malgrado atleta benfiquista, vencedor no Lisboa-Mad: id académico em 1934

de Ourique mes, como Faria de Moraes, era aluno do Colégio Militar, instituição de onde saíram muitos dos nossos melhores especialistas da modalidade.

Stromp foi eliminado com 2,^m97, mas Pais Ramos apossou-se do recorde com 3,^m02, sendo portanto o primeiro português que conseguiu atingir os três metros.

Em 1912 (5 de Maio) Cabeça Ramos, estudante do liceu de Évora vindo a Lisboa em representação do Sport Lisboa e Benfica, ganhou o campeonato com 3,^m, transpondo depois de eliminado, em tentativa especial, 3,^m05. Teve ainda os 3,^m10, mas falhou todos os ensaios.

da Promotora com 3^m e o da nova Federação com 3,^m27, resultado que ao tempo deu brado e veio a ser o recorde nacional que durante mais tempo se manteve imbelido.

No ano seguinte apenas a Federação organizou campeonatos e Cabeça Ramos, saltando 3,^m10, conservou sem dificuldade o seu título.

O campeonato escolar de 1914 foi ganho por Pais Ramos, com 2,^m70 apenas.

Segue-se aquele longo período de modorra, dois anos de completa inacção e quatro mais assolados somente pelos concursos do Sport Lisboa e Benfica, que nos dão,

As entidades oficiais e a «Stadium»

Do Ginásio Clube Figueirense recebemos o seguinte ofício:

«Pelo presente venho comunicar a V. que a assebleia geral deste clube, reunida em 18 do corrente, resolveu por unanimidade e por proposta da Direcção, exarar em acta um voto de agradecimento a essa conceituada Revista, pelo a poio que tem dispensado a esta colectividade».

Temos pelo simpático clube da Figueira da Foz uma consideração que nos leva a seguir todas as manifestações do clube com o mais vivo interesse.

PORTO ganha sem dificuldades



EM CIMA — Vital, magnificamente, de cabeça, marca a terceira bola do Porto, tornando ineficaz a intervenção energética de Alberto e Sebastião. *AO LADO* — Vital vê-se batido por Sebastião, no preciso momento em que executava o remate de cabeça.



Sebastião — que azar! — é batido por um dos seus companheiros da defesa e a bola entra nas balizas!

ARCADIA DANCING DE LUXO

Apresenta, todas as noites um extraordinário programa de atrações internacionais com o célebre

BALLET SKIBINE

Composto por oito formosas francesas

E ainda: Anita de Montilla • Carmen Pintas • Anita de Lucena • Ma y Melly • Angeles y Mer h • Hermas Baron • Hermanas G y sacas • Mary Luisa R yo • To y Sanderes • Carmen Olivares • Mary Arilla

Orquestra Carmelo Larrea y sus gitanos

com a sua animadora **Josita Tenor**

Orquestra ARCADIA como vocalista **HERLANDER** e a voz de ouro da Rádio Espalhola **JUANITA CUENCA**

CAMPEONATO DE JUNIORES — Em Marvila, os juniores do O lenial e do Sporting disputaram um jogo animado que terminou com a vitória dos jovens orientalistas por 1-0. Na fase da esquerda: o guarda-redes do Sporting defende a soco uma avançada do Oriental. À direita: O avançado sportinguista invulso na jogada, a que o guarda-redes marvilense se opôs. A bola subiu, criando perigo iminente, mas a barra defendeu...

